

Mudança climática intensificou casos de chuvas mortais na África

Relatório aponta intensificação em 40% nas chuvas que deixaram mais de 200 mortos

Por José Henrique Mariante (Folhapress)

Chuvas excepcionais na virada do ano mataram ao menos 200 pessoas no sul do continente africano. Centenas de milhares foram afetados, assim como grandes áreas de plantações, pastagens e infraestrutura.

Só o Parque Kruger, o mais famoso do gênero, na África do Sul, calcula um prejuízo de US\$ 30 milhões. Motor dessa coleção de estragos, as precipitações foram intensificadas em 40% pela mudança climática, mostra estudo publicado na quinta-feira (29).

Junto com o fenômeno La Niña, a crise climática transformou a atual temporada de chuvas em Moçambique, Essuatíni, Zimbábue e parte do território sul-africano na maior enchente da região desde 2000. “Colisão entre um clima que se torna cada vez mais perigoso e as vulnerabilidades sociais profundamente enraizadas que existem por aqui”, afirma, de Maputo, Bernardino Nhamumbo, pesquisador do Instituto Nacional de Meteorologia de Moçambique.

“Quando 90% das casas são feitas de barro, elas simplesmente não conseguem resistir a tanta chuva. O colapso estrutural de aldeias inteiras é um forte lembrete de que nossas comunidades e infraestrutura estão sendo testadas por condições climáticas para as quais não foram projetadas”, diz Nhamumbo, um dos autores do estudo rápido organizado pelo World Weather Attribution (WWA).

O consórcio de cientistas, liderado pelo Imperial College, de Londres, procura mensurar o impacto das mudanças climáticas em eventos extremos enquanto seus efeitos ainda estão em debate; no caso, efeitos ainda sendo sentidos, pois parte da região continua alagada.

Nhamumbo lembra que, de tantos atores responsáveis pelo aquecimento global, provocado sobretudo pela queima de combustíveis fósseis, os afetados pelas enchentes



Hansel ohioma via Wikimedia Commons

Centenas de milhares foram afetados, assim como plantações, pastagens e infraestrutura

provavelmente estão entre os que menos contribuíram para o problema.

Apenas em Moçambique, 75 mil pessoas foram atingidas. Milhares de casas e quilômetros de estrada foram destruídos, incluindo trechos da principal rodovia do país; também foram perdidos 105 mil hectares de plantação e 34 mil cabeças de gado. Em algumas regiões, choveu em um dia mais do que os 200 mm esperados para um ano.

À jusante de uma série de bacias regionais, Moçambique vinha de um período de seca extrema, em 2023 e 2024. Moradias precárias à beira do rio Limpopo, um dos maiores da região, se tornaram armadilhas com as inundações. O estudo aponta ainda mineração ilegal e infraestrutura inadequada como fatores que intensificam as consequências do problema.

Nhamumbo pondera que sistemas de alerta, uma preocupação da ONU, foram implantados pelas autoridades desde a en-

chente histórica de 2000. “Houve avanços nesse sentido, mas não foram suficientes dada a excepcionalidade do evento atual.”

O desastre também evidencia a falta de estrutura para o monitoramento do clima na região. “Todos os modelos climáticos com que trabalhamos foram desenvolvidos fora da África”, diz Friederike Otto, professora do Imperial College e uma das fundadoras do WWA. “E os modelos naturalmente funcionam melhor nas regiões em que foram criados.”

Segundo Izidine Pinto, pesquisador do Real Instituto de Meteorologia da Holanda, os primeiros modelos do continente estão em desenvolvimento na África do Sul. “Tudo isso consome muitos recursos, que são limitados na África.”

Nos estudos de atribuição, dados observacionais são rodados em cinco modelos para determinar o grau de responsabilidade da mudança climática e de fenômenos naturais

em eventos extremos. No caso atual, as conclusões sobre a magnitude das chuvas tiveram que se basear mais nas observações colhidas pelas estações e na literatura existente.

“Temos confiança nos números, mas eles poderiam ser mais precisos”, afirma Otto. A mudança climática tornou o regime de chuvas 40% mais intenso em comparação com o período de referência pré-industrial, quando não havia aquecimento global provocado pela atividade humana, padronizado no estudo como 1,3°C - o planeta já enfrenta mais do que isso.

O La Niña fraco, fenômeno natural que regularmente influencia o regime de chuvas, intensificou as precipitações no período de dez dias analisado em 22%. Medida de como o evento foi extremo, sua expectativa de frequência é uma ocorrência a cada 50 anos.

“Seria ainda mais raro em um clima não modificado pela atividade humana”, diz Pinto.

“Um aumento de 40% na intensidade das chuvas não é uma pequena anomalia estatística. Para uma família que vive em um assentamento informal, isso pode significar a diferença entre pés molhados e colapso total”, declara Otto, sobre os efeitos exacerbados da mudança climática quando os afetados fazem parte de uma população vulnerável.

“Não podemos simplesmente tratar essas enchentes como ‘atos de Deus’. São resultado direto de um sistema baseado em exploração e no fracasso global na eliminação gradual dos combustíveis fósseis.”

China reage à nova fala de Sanae Takaichi sobre Taiwan

A primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi, voltou a falar sobre um possível envolvimento do Japão em caso de incursão militar chinesa em Taiwan, gerando resposta de Pequim após semanas de leve trégua entre os países.

Em entrevista ao vivo a um veículo japonês, a governante afirmou que a relação entre Tóquio e Washington colapsaria caso seu país fugisse de um possível conflito que envolvesse China, Taiwan e os Estados Unidos.

O comentário foi feito cerca de dois meses após Takaichi declarar que uma tentativa do regime chinês de submeter Taiwan ao seu domínio por meio da força militar era um exemplo de situação na qual ela poderia acionar as Forças de Autodefesa do Japão. A fala criou um dos maiores conflitos diplomáticos

entre Pequim e Tóquio nas últimas décadas.

Segundo a primeira-ministra, a ação japonesa seria necessária, pois um ataque a navios de guerra americanos usados para romper um bloqueio chinês poderia exigir o envolvimento para defender os EUA, seu aliado e defensor da soberania da ilha.

Nas novas falas, Takaichi se distanciou parcialmente de comentários que sugerem ação militar de Tóquio.

“Quero deixar absolutamente claro que não se trata de o Japão sair por aí tomando medidas militares caso a China e os Estados Unidos entrem em conflito”, declarou. “Se algo grave acontecer lá, teremos que ir resgatar os cidadãos japoneses e americanos em Taiwan. Nessa situação, pode haver casos em que tomemos medidas conjuntas.”

As novas falas de Takaichi vão na contramão do que é esperado pelo presidente Donald Trump em relação à aliança militar entre os países. Trump pressiona seus aliados na região, Japão e Coreia do Sul, para aumentar os gastos com a defesa, comprando tecnologias americanas, e em decorrência do ambiente considerado instável para Washington.

O aumento dos gastos seria uma forma de apoio em caso de conflito com a China para a defesa de Taiwan e para diminuir a minar militar da Coreia do Norte.

A pacifista Constituição japonesa impede, porém, que o Japão realize ações militares diretas. Mas uma reinterpretação do artigo permite que o país use suas forças armadas para defender aliados próximos mediante a autorização do premiê em função.

Os comentários da governante à TV japonesa geraram reação de Pequim, que instou o Japão a “fazer um exame profundo de consciência, corrigir seus erros e cessar a manipulação e as ações irresponsáveis e imprudentes sobre a questão de Taiwan”.

“O Japão cometeu inúmeros crimes durante seu domínio colonial sobre Taiwan por

mais de 50 anos e carrega sérias responsabilidades históricas perante o povo chinês. Seja sob a perspectiva histórica ou jurídica, o lado japonês não está em posição de interferir nos assuntos da região de Taiwan da China”, declarou Guo Jiakun durante entrevista coletiva no Ministério de Relações Exteriores.

Antes dos novos comentários de Takaichi, Pequim alertou seus cidadãos para que evitem viagens para o Japão durante o feriado do Festival da Primavera, o mais longo do ano, que ocorre em fevereiro.

O documento publicado na agência de notícias estatal Xinhua cita “um período de agitação social, com um aumento nos crimes contra cidadãos chineses”, além da possibilidade de novos terremotos.

Antes, o regime chinês já havia feito o mesmo alerta para que chineses evitassem viagens ao país vizinho no período de turbulência. A mídia local japonesa, assim como a estatal chinesa, reportou que os avisos de Pequim causaram queda nas viagens, o que preocupou autoridades.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)